

APROVÍNCIA

Informação « Cultura » Recreio

Semanário

AVENÇA

Exmo. Sr. Manuel Giraldes da Silva
RIO PRIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 050467
MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PIN

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 050236 — MONTIJO

1958-1959 Novo ano Escolar

PROFESSORES e alunos, são dois géneros de obreiros que trabalham para levantar o mesmo edifício. O professor abre os alicerces, ao aluno cumpre seguir edificando. A pedra angular não é todo o edifício, cada aluno deve pôr a sua parte dentro dos limites da actividade marcada. No seu

Por

Seisdedos Branco

conjunto representar-se-á a epopeia sublime da Civilização Pátria.

Agora que vamos encetar um novo ano escolar, não podemos deixar de dizer que a Escola influi e dirige todas as empresas, e entra, podemos dizê-lo, na essência da mesma.

A Escola disse alguém, é «a pérola da melhor água encastada na civilização, é a estrela matutina que guia a barquinha da vida pelo oceano encapelado do tempo». Ao calor dela, desabrocha a semente que se lança à terra para bem e elevação da Nação.

Todo o artífice ama e defende as suas obras. O Professorado Primário vela também pelos benjamins do seu amor — as crianças. A ele se deve a constituição e o crescimento. Fez-se para elas mão de fada no berço e seu protector pela vida fora. Os ensinamentos primordiais assistem na tribulação e na prosperidade. Eis uma frase que se lhe adequa maravilhosamente: A escola é um vulcão em plena actividade

— ela revela-nos que é uma ideia obsessante e directriz dos entusiasmos vitais.

Na impossibilidade de fazer sequer uma síntese ligeira da nossa gigantesca campanha, limitamo-nos simplesmente a felicitá-la pelo seu nobre progresso e incitar os seus colaboradores a elevá-la cada vez mais a bem da comunidade e do País.

Tem concorrido para isso, o esforço dos professores persistentes e de boa vontade.

Actualmente é maior ainda o número destes e cresce de dia para dia.

Depois da primeira fase que podemos chamar de obediência, surgiu outra mais digna, a da boa vontade, e esta foi recebendo estrutura própria, surgiram novos caminhos, abriram-se novos e mais amplos horizontes, vêem-se as coisas de mais alto, concretiza-se assim, o programa intencional dos Dirigentes que nos fazia compreender: — para maiores resultados empreguem todos os meios magnânimos e possíveis...

Não havia neste programa nenhuma coarctação de limites, porque o verdadeiro zelo não se mede nem se sujeita a cânones.

E assim começaram a aparecer aqueles belos resultados progressivos, que esperamos continuarão a aumentar nesta nova época em começo, época que esperamos seja de brilho e de resultados imensamente satisfatórios.

A Civilização Pátria impelida pelas ansias de chegar

(Continua na página 4)

Folha ao vento...

Nem sempre devemos tomar a sério as felicidades ou as virtudes que nos relatam ou habilidosamente se esforçam por nos impingir, como também há que descrever de certas sortes que nos apregoam e que não passam de coisa balofa e de falsa pintura para contradizer a realidade, no propósito único de não desagradar à sociedade do meio em que essas mesmas pessoas vivem.

Há, de facto, quem tenha a presunção de experimentar determinado bem-estar ou relativa tranquilidade de espírito que o torne superior aos outros; mas, quando mal não conta, sem que disso se possa aperceber, a opinião muda.

Haja em vista o que ainda há bem pouco tempo se passou entre Aniceto e Ricardo, dois *ursos* da Universidade de Coimbra, onde cursavam medicina.

Aniceto, todo sentimentalista, deixou-se prender pelos lindos olhos de uma encantadora tricana, com quem casou já a findar o curso, a quem queria cada vez mais em admirável dedicação conjugal.

Por seu lado, Ricardo deixava-se emaranhar no amor com a mesma facilidade com que dele se desprendia ao encontrar nova beldade que mais lhe vibrasse no seu todo e, assim, ia multiplicando conquistas e rapaziadas saindo-se bem de umas e com algumas dificuldades de outras, sem ligar a menor importância aos conselhos do Aniceto.

Concluídas as suas formaturas, cada qual seguiu rumo diferente e durante muitos anos não mais tiveram notícias um do outro, até que o acaso os colocou, certo dia, frente a frente numa das ruas de Lisboa.

— Que grande alegria, Aniceto, em tornar a ver-te! Tua mulher e tu continuam sendo uma só vontade, uma só pessoa?

— Sim! Quero-lhe hoje com no dia em que nos reunimos pelos laços do matrimónio!

— Creio! Bem sei que o vosso casamento foi saído do coração...

— Até hoje, em boa hora o diga, ambos vivemos em comunhão de ideias e de pensamentos!

(Continua na página 4)
Zé dos Anzóis

Chávenas de café quase arr...

Pelo Dr. Cruz Malpique

Contra a mulher

Da mulher se tem dito cobras e lagartos, o que Maíoma não disse do toucinho, todo um rosário de desamabilidades. A ela articula o homem toda a casta de males que descera sobre o mundo. Naufraga o homem? *Cherchez la femme*. Há tempestade em casa? A mulher a desencadeia. A intranquilidade é o clima do mundo? A mulher cabe a responsabilidade. E as outras contas do rosário de nomes

que o homem chama à mulher são do mesmo teor: a mulher é dano de todos os dias, é peieja da vida, é guerra que custa os olhos da cara, é fera macia de lombo mas de garras afiadas, é... Seria um nunca mais acabar.

Tudo isso a mulher será, mas tudo isso é por culpa do próprio homem, daquela casta de homem que se permite chamar deshonesto à mulher que cai com ele. Há «Luísas» porque existem «primos Basílios».

ESTAMPAS

por Consiglieri Sá Pereira

LITERATURA DE ALCOVA

Emílio Zola tem um romance, um dos celebres Rogon-Macquart, dedicado a este aspecto da vida parisiense, e essas intimidades de alcova está, pode dizer-se que, com a maior fidelidade, retratada por esse homem excepcional, na «Roupa suja».

Ali está toda a vida íntima de várias famílias, quando ainda em pé o que, hoje, nem mansardas deve apresentar, a vida de um prédio de vários andares - então novidade e economia, até apresentada a quem fosse curioso de coleccionar tais coisas.

Ora, além de outros aspectos, os livros de Zola, então muito em voga, apresentam de tudo, desde os primeiros filatelicos até aos coleccionadores de bilhetes de «eléctrico» ou, mesmo de combóio e de navio.

Iniciava-se um período inteiramente novo e houve, coisas que, com o correr do tempo, adquiriram valor e relevo insuspeitáveis.

Ainda há pouco tempo, descobriu-se que, entre outras raridades, as colecções do rei da Suécia Eduardo VI, falecido há pouco, com pouco mais de noventa anos, tinham o bilhete de que se servira S. S. o Papa quando, saído pela primeira vez do Vaticano, se serviu do combóio.

Possui, também, este incansável coleccionador, alguns dos primeiros selos, com defeitos e tudo, têm ainda maior valor, emitidos por correios sul-americanos e norte-americanos.

Também adquiriram especial valor colecções britânicas, onde há o busto de Vitória Primeira.

Um aspecto parcial de CANHA



Sede de vasta e rica freguesia agrícola, — vetusta vila e primeiro concelho —, que alberga em seu seio uma honrosa Misericórdia local, a prestigiosa Casa do Povo de Canha, com o seu Infântário da Sagrada Família; e o Centro Extra-Escolar N.º 2. A sua população é de apreciáveis qualidades cívicas: — bo., ordeira, hospitaleira e laboriosa.

LEGENDAS DE PORTUGAL (8)

A MADEIRA

Descoberto provavelmente, em 1418, por João Gonçalves Zarco, o arquipélago da Madeira compõe-se da ilha da Madeira, propriamente dita, da pequena ilha do Porto Santo e de uns minúsculos ilhéus, que mal se distinguem na paisagem grandiosa do Oceano Atlântico. 714 quilómetros quadrados tem a Madeira, 42 o Porto Santo, e 14, os ilhéus.

Quando os navegadores portugueses ali chegaram, encontraram um panorama de sonho e o silêncio de uma terra desabitada, que nenhuma presença humana povoava. Depressa se deram ao trabalho de colonizar e cultivar aquela terra generosa. E ao longo dos séculos, a Madeira progrediu, afirmou-se, tornou-se um dos lugares privilegiados do território português.

Quais as suas principais fontes de riqueza? Em primeiro plano, os vinhos e o turismo. O vinho da Madeira é um dos mais conhecidos e apreciados em todo o mundo. A sua fama é paralela à do vinho do Porto: o seu gosto, embora diferente, não é menos delicioso. Quanto ao turismo, deve-se à beleza maravilhosa desta ilha paradisíaca e à temperatura amena que, durante o ano inteiro, desconhece os rigores da invernia.

(Transcrito com devida vénia, de «A Campanha».)

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º

Telef. 030256 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.

Telef. 030 256 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto

Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo

Todos os dias

Rua Morais Soares, 116-1.º

LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — primeiros e terceiros sábados de cada mês, pelas 12 horas, no consultório do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da Trindade — Rua Bulhão Pato, 42 - 1.º — Telef. 030 131 - MONTIJO.

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista

Doenças dos olhos

Consultas às 5.ªs feiras,

pelas 14 horas

Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º

MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luís de Camões - MONTIJO

Telef.º 030 502 - 030 465 - 030 012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de

Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques — N.º 231

Telef. 030 556

MONTIJO

Armanda Logos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das Maternidades de

Paris e de Strasbourg.

De dia - R. Almirante Reis, 72

Telef. 030 038

De noite - R. Machado Santos, 28

MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 046

Serviços Médico Sociais, 030 198

Bombeiros, 030 048

Taxis, 030 025 e 030 479

Ponte dos Vapores, 030 425

Polícia, 030 144

Telefone 030 376

Para Boas Fotografias procure a

FOTO MONTIJEENSE

Av. João de Deus, 71

(à Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

MONTIJO

Discurso do snr. Alfredo Cândido,

Presidente da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio na homenagem do dia 28 do mês findo, em Lisboa, à Banda da «Sociedade Filarmonica 1.º de Dezembro».

Incumbe-me a Direcção da F. P. das C. C. e Recreio da honrosa e grata missão, de vir proferir nesta agradável tarde do fim de Setembro, breves palavras de homenagem à gloriosa Banda da S. F. 1.º de Dezembro de Montijo; e faço-o com o prazer que se me oferece de considerar memorável a distinção conferida num certamen internacional a uma Banda de música composta de artistas amadores, que humildemente exercem as mais diversas profissões.

E ninguém desconhece, que a não ser aqueles que estão investidos de outras funções particulares ou do Estado, não existem em Portugal as profissões da música, das letras e das artes plásticas.

Além dos sacrifícios que se opuseram ao evidente desejo da Banda ir a Holanda, aproveitando a oportunidade única de poder na sua modestia servir a sua terra, ignoram-se as contrariedades insidiosas e sofridas, que só a confiança do maestro nos componentes da Banda e a fé indomável nas possibilidades dum êxito animou, como já os seus antepassados afeitos às procelas e tempestades da vida haviam sentido, rompendo as brumas do Mar Tenebroso. Os tímidos raras vezes triunfam. Apelarão para a Federação e esta concedeu-lhes o «apal», cumprindo-nos informar que, sem este, não era possível a inscrição da Banda no concurso de Kerkrade.

A Federação tomou parte inicial em todas as diligências junto das entidades superiores e, além do apoio moral, não faltou com a contribuição que as suas possibilidades reais podiam permitir. Justo era que assim fosse.

E animada pela Federação, a Banda partiu, merecendo a alta classificação do 2.º Prémio, com a diferença bem significativa de um ponto do 1.º Prémio.

Das qualidades da inteligência e de raça do nosso povo, seria ilícito duvidar. Um dos mais fulgurantes espíritos das letras portuguesas, deixou-nos o seu perfil imperecível na obra notabilíssima de análise e de crítica, do carácter, dos costumes e das artes popula-

res e eruditas, num evangelário talvez único no mundo.

E podemos concluir — sem sermos inteiramente originais — que é da sensibilidade artística e da alma deste povo, do seu génio evolutivo, inspirador e criador, que dependeram sempre e podem fiar-se ainda hoje, os destinos da civilização portuguesa.

Quando naquela pequena e acolhedora cidade holandesa de 10 mil habitantes e uma cultura que lhe permite manter doze bandas de música, estes homens que se encontram aqui a repetir o mesmo programa sob a regência do Maestro, sr. António Gonçalves, entraram no vasto salão, onde tinham de exhibir-se em competência com as 40 Bandas das nações mais cultas, vestindo ricos fardamentos e conduzindo o mais belo e reluzente instrumental, o efeito foi de sensação imprevista, simplicidade do fardamento e ordenado aprumo, inspirador duma natural simpatia e vivo apelo.

Quando o maestro subiu ao estrado, foi saudado com estrondosa manifestação. Iniciado o concerto com a marcha «Ruitra sód sofnas» que nos foi dado ouvir há

pouco, concluiu no meio dos mais ruidosos aplausos.

Do que foi o final da execução do programa, não seria possível descrever-se; ficando aos componentes da Banda e ao seu distinto regente a mais profunda e grata recordação.

Senhoras e Senhores:

Sendo a música a expressão mais aliciante e comunicativa da beleza e da arte, ela exerce ao mesmo tempo poderosa influência no aperfeiçoamento moral da educação dos sentidos, da cultura social e colectiva, do nível espiritual dos povos civilizados no panorama do mundo. E do pouco que acabo de dizer, muito mais me fica restando que não disse, nem o tempo m'o consente.

A Federação P. C. C. R. quiz demonstrar à gloriosa Banda da S. F. 1.º de Dezembro e ao seu devotado e distinto Maestro, sr. António Gonçalves, nesta manifestação de público reconhecimento as homenagens a que têm direito, concedendo-lhes a Medalha de Ouro de Instrução e Arte, e a todos os componentes da Banda, Diplomas de Mérito. Parabéns aos que souberam honrar Portugal!

Encerramento da Colónia Balnear Infantil

«José da Silva Leite»

Terminaram no passado dia 24 de Setembro as actividades desta Colónia que, a expensas do Benemérito sr. José da Silva Leite, funcionou como nos anos transactos, na Praia da Casa Branca.

Por motivos de ordem vária não foi possível a realização da tradicional festa, em que os «miúdos» demonstram não só a sua gratidão ao grande benfeitor, como também as suas qualidades artísticas.

Todavia, mesmo assim as crianças e seus pais quizeram mostrar aquele filantropo toda a sua gratidão. E por isso, há dias, em acto íntimo, na presença dos membros da Comissão Executiva e das sr.ªs monitoras da Colónia foi oferecido ao sr. José da Silva Leite e sua Esposa, um artístico album com todas as fotografias das actividades da Colónia no presente ano e que foi confeccionado pela Monitora-Chefe, sr.ª D. Maria Joana Figueira.

Nessa pequena festa usaram da palavra a sr.ª D. Laura Bernardes em nome da comissão, e a sr.ª D. Laurinda Rosa Palaré, que agradeceu em nome das mães de todos, os benefícios que seus filhos usufruíram durante os dias estivais, e, por último, o sr. José da Silva Leite que agradeceu a manifestação prestada, dizendo que não fazia mais do que um dever de obrigação para com os seus conterrâneos pobres.

PADRE

Francisco

da Cruz

- Um homem bom -

Completo no pretérito dia 1 do corrente o 10.º aniversário da data do falecimento do virtuoso padre Francisco da Cruz, natural da vizinha vila de Alcochete, cuja existência foi consagrada à prática da caridade para com o seu semelhante.

Recordando a data já um pouco distante do seu passamento, respigamos com devida vénia do semanário «A Verdade», de Alenquer, do seu número de 10-10-948, do artigo ali publicado sob o epígrafe de «Morreu um homem bom», de autoria do nosso confrade de imprensa, sr. Victor Santos, as seguintes passagens:

Morreu um homem bom.

É tão pouco vulgar poder escrever-se com propriedade esta frase singela...

Mas ela aqui está, com o poder categórico da sua afirmativa, a trazer-nos duas ideias de contraste total, um contraste como o que existe entre a madressilva e a sicutá, entre um ovo e um espeto.

Uma ideia consoladora: ainda há homens bons.

Uma ideia que em nada nos é grata: morreu um deles.

Mas aspiremos só o perfume do primeiro pensamento e sorvamo-lo gulosamente porque isso representa para nós, humanidade, mais que o plano Marshall ou as conferências da ONU.

Homens bons — todo um programa social.

Mas — triste realidade — homens desses são espécies raras, tão pouco vulgares como o trevo de quatro folhas ou a noz de quatro quinas.

* * *

Que o homem erre, que o homem se avilte, mas — e forçosamente! — que nele haja sempre a chama dum temperamento, o claro duma personalidade.

E se ela, essa chama que é o nosso orgulho de homens, nos conduz à Perfeição pelo caminho da moral social, se esse clarão é puro e nos faz adregar a verdadeira rota, temos o diamante puríssimo na negridão da mina.

E temos um Padre Cruz, esse homem que o Povo acompanhou agora com lágrimas e saudades: lágrimas e saudades do povo — as mais puras.

Deixemos o padre — um acaso. Fiquemos só com o Homem, o homem bom...

Quando morrem homens destes fala-se sempre em canonizações — saltos para o Divino.

Não façamos mais santos, desfalcando o património, tão parco, dos homens-homens, bons e puros.

Hoje as etéreas paragens estão suficientemente enfeitadas de santos e não há altar que não tenha o seu habitante bemaventurado.

Por isso, guardemos para nós, para o nosso património, a dúzia, a meia dúzia de homens bons que ainda vão aparecendo cá em baixo no terráqueo globo.

Os seus exemplos humanos serão herança para os nossos vindouros, caboucos dum mundo melhor.

E assim se afirmou a vida terrena desse egrégio Padre Cruz, que durante a sua passagem por este vale de lágrimas derramou a jorros a semente da bondade, qual sublime discípulo do seráfico S. Francisco de Assis, falecido em igual mês, a 3 de Outubro de 1226.

Seguiu-se um lanche às crianças, servido pelas gentis filhas do homenageado.

SANFER, L.ª

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— No dia 2, completou 61 anos, a sr.^a D. Beatriz Tavares de Carvalho, mãe do nosso dedicado colaborador, sr. Elisiário Joaquim de Carvalho.
— No dia 7, a menina Maria do Rosário de Oliveira Gomes, filha do nosso estimado assinante, sr. Olívio Gomes.
— No dia 7, a sr.^a D. Maria Cristina Pinho Rasteiro Tomé, esposa do nosso prezado assinante, sr. António Manuel Relógio Tomé.
— No dia 8, o nosso estimado assinante, sr. Joaquim de Jesus Marques.
— No dia 9, completa um ano de idade a menina Ana Paula Gouveia Monteiro Morais, filhinha querida do nosso prezado assinante agente técnico de engenharia, sr. José Monteiro Morais, do Posto Emissor da Rete-Marinhaiss-Glória.
— No dia 9, a menina Bela Maria da Silva Cova, filha do nosso dedicado assinante, sr. Joaquim de Sousa Cova, residente em Nova Iguaçu (Brasil).
— No dia 8, completou os seus 45 anos, a sr.^a D. Maria do Conceição Viegas, esposa do nosso prezado assinante, sr. Manuel Correia, encarregado geral da fábrica M. I. Afonso, Lda.
— No dia 9, o menino Manuel José Pascoal Pereira Martins, sobrinho e afilhado do nosso estimado assinante, sr. José Augusto dos Santos.
— No dia 12, o menino Joaquim Manuel Valador Baliza, netinho da nossa prezada assinante, sr.^a D. Balbina Isaura Pielgata.
— No dia 13, a sr.^a D. Lúcia Carreira Relógio, nossa dedicada assinante.
— No dia 13, completa 3 anos o menino Bill Joseph Smith; no dia 15, 4 anos, o menino Richard A. Smith Júnior; e no dia 16, completa 23 anos, a sr.^a D. Natália Pascoal Smith, todos residentes na América, respectivamente, netinhos e filha da sr.^a D. Lúcia Pascoal Pereira, nossa dedicada assinante.
— No dia 13, completou o seu 7.^o aniversário o menino João Lourenço Bronze Rodrigues, netinho do nosso dedicado assinante, sr. João Mendes Bronze, residente na Moita.
— No dia 13, completou o seu 51.^o aniversário o nosso assinante, sr. João Mendes Bronze.
— No dia 14, a sr.^a D. Carmem Ramos Dias Correia, esposa do nosso dedicado assinante, sr. José Alves Correia.
— No dia 14, a menina Maria José da S. Canastreiro, afilhada do nosso estimado assinante, sr. António Sampaio Júnior.
— No dia 15, a sr.^a D. Silvina Augusta da Silva, mãe do nosso prezado assinante e funcionário dos C. T. T., sr. Fernando Augusto da Silva Vale.
— No dia 15, completa as suas 19 risonhas primaveras a menina Maria Palmira Caetano Moreira, filha da nossa dedicada assinante, sr.^a viúva de Fernando Luís Moreira.
— No dia 15, completa 23 anos o sr. Manuel Pancão Cola, filho da sr.^a D. Juvenália Gomes Pancão, nossa dedicada assinante.
Aos estimados aniversariantes e suas famílias, dirigimos as nossas felicitações.

De partida

D. Cristina Cheirada

Retirou há dias para a sua residência em Vila Franca de Xira esta nossa dedicada assinante, que contando a provecida idade de 94 anos, agradece reconhecida a todas as suas amigas que a visitaram em casa de sua sobrinha, sr.^a Cristina da Costa Malhão, lamentando não agradecer-lhes pessoalmente como julga seu dever, mas devido a sua falta de saúde não pôde cumprir esse seu desejo.

Aluga-se

— Para consultório casa pequena, ou parte de casa.
— Resposta a este jornal, ao n.^o 206.

MONTIJO

Recital de Piano

Antes da sua partida para a Itália, onde vai aperfeiçoar a sua preparação musical, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, o jovem artista montijense Jorge Rosado Marques Peixinho, apresenta-se ao público de Montijo num recital de piano que se realizará no Cinema Teatro Joaquim de Almeida, no próximo sábado, 18 de Outubro.

Do programa fazem parte obras de Carlos Seixas, Bach, Mendelssohn, Mac-Dowell, Ravel, Cláudio Carneyro, Chopin, Debussy e Liszt, assim como daquele compositor montijense.

Em vista dos poucos espectáculos desta natureza que se realizam na nossa terra, é de esperar que a iniciativa seja bem acolhida e mereça o interesse do público.

Banco Nacional Ultramarino

Correspondência de Montijo

Fez no dia 1 do corrente mês, um ano, que começou a funcionar a correspondência privativa deste importante estabelecimento bancário na rua Tenente Valadim, n.^o 29, desta vila, sob a gerência do sr. Amâncio Correia de Saavedra.

Felicitando vivamente a digna Direcção do conceituado organismo que é o Banco Nacional Ultramarino e o del'gente funcionário que está à frente da sua correspondência local, desejamos-lhes as maiores venturas em benefício dos interesses da nossa região.

Excursão a Santarém

Organizada pelo antigo Círio dos Atrazados à N.^a Sr.^a da Atalaia, desta vila, efectua-se no próximo domingo, dia 12, com partida de Montijo às 7 horas, uma interessante excursão à cidade de Santarém, — capital da província do Ribatejo —, cujo itinerário é o seguinte: Montijo, Alcochete, Vila Franca de Xira, Carregado, Cartaxo, Santarém; regressando por Almeirim, Benavente, Salvaterra de Magos, Samora Correia, Alcochete e Montijo.

Esta excursão é feita em cómodo e luxuoso autocarro da acreditada empresa «Beira Rio», da Cova da Piedade, com T. S. F., o que servirá valiosamente de recreio aos excursionistas.

Desde já felicitamos a direcção deste Círio pela sua iniciativa de visitar outras regiões do país, tornando igualmente lembrados naqueles meios o nome da nossa terra, para seu maior prestígio em longínquas paragens.

Agradecimento

Manuel Luís dos Santos

Maria José de Sousa Lourenço, filhos e nora, por desconhecimento de algumas moradas, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram durante a sua doença e acompanharam à última morada seu chorado esposo, pai e sogro.

Joaquim Tavares da Silva

Mercearia, Fanqueiro, Retrosaria, Loíças, Vidros, etc.
Frutas e Hortalças.

Rua C, 10 e 12

Afonsoeiro -- MONTIJO

Câmara Municipal de Montijo

Resumo da acta de reunião ordinária do dia 30 do mês de Setembro findo.

Presentes os srs. José da Silva Leite, Presidente, e os vereadores, srs. Francisco Tobias da Silva Augusto, Tomás Manhoso Iça, Joaquim Brito Sancho, Carlos Gouveia Dimas e Francisco Braz da Cruz.

Secretário, o sr. José Maria Mendes Costa, Chefe da Secretaria.

A Câmara tomou conhecimento da concessão das seguintes participações:

- Construção da estrada de Canha às Faias — 65 contos;
- Construção da estrada Atalaia - Alto Estaqueiro — revestimento betuminoso — 195 contos;
- Construção do Mercado, — parte da comparticipação a receber —, 38 contos;
- Urbanização à volta do Mercado — 20 contos;
- Pavimentação da Avenida D. Afonso Henriques — 20 contos;
- Esgotos da zona do Parque — 71 contos;
- Abastecimento de água aos bairros — 209 contos;
- Abastecimento de água a Sarrilhos Grandes — 63 contos;
- Totalizando estas comparticipações, 631 contos.

Foi ainda deliberado:

- Conceder licença para abertura dum talho, em Sarrilhos Grandes;
- Conceder licença por doença a um funcionário;
- Admitir provisoriamente dois candidatos ao concurso de provimento de Chefe da Secção Técnica, convidando-os a apresentar os restantes documentos.

**«A Província»
Dos nossos prezados assinantes**

Irregularidade de entrega

Verificamos que a distribuição do nosso jornal neste concelho feita por correio e a domicílio, não está sendo efectuada com a devida regularidade, em virtude de causas que procuramos remover urgentemente.

Pedimos, pois, aos nossos assinantes e amigos, que não estejam recebendo o semanário, com regularidade, que tragam a sua queixa à nossa redacção para que tomemos as providências cabíveis, com o maior interesse.

Mudanças de residência

Pedimos a todos os prezados assinantes que mudem de residência o favor de no-lo participarem, evitando-se assim estravios e demoras na entrega de «A Província».

«A Província»

Por aglomeração de trabalhos nas oficinas gráficas onde é composto e impresso o semanário, — entre os quais o compromisso de publicação imediata do nosso colega local «O Despertar» — e a inclusão da reportagem da festa associativa da Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeiro, do último domingo, este jornal sofre demora de um dia na sua expedição.

Desse acaso fortuito, cumprenos pedir desculpa aos nossos estimados leitores e assinantes.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Sociedade Filarmónica

1.^o de Dezembro

Conforme noticiámos anteriormente e segundo as convocações distribuídas pelos associados, efectuou-se no passado dia 30, do mês findo, pelas 22 horas, a assembleia geral ordinária desta centenária colectividade.

A Mesa da Assembleia Geral foi constituída pelos srs. José Máximo Cândido Sequeira, João Bastos Sargento e Carlos Júlio Gouveia, respectivamente, como presidente e secretários.

Iniciados os trabalhos e a pedido da Comissão de Recepção à Banda de Música, quando do triunfal regresso de Holanda, foi lido por um componente da mesma Comissão o Relatório do seu trabalho, o que deu motivo no final da Assembleia Geral, a ser proposto e aprovado por unanimidade, um voto de louvor pelo excelente trabalho daquela Comissão.

Igualmente foi convidado o sr. Alfredo Gomes, como membro da Comissão Revisora de Contas da gerência anterior, a também apresentar o parecer favorável daquela Comissão, o qual foi também aprovado por unanimidade pela Assembleia Geral.

Em seguida foram apreciados os diversos assuntos constantes da ordem dos trabalhos, tendo usado da palavra alguns consócios, e por fim procedeu-se à eleição de novos Corpos Gerentes, que ficou dependente da sua provável aceitação.

Luta contra os parasitas da batata na Moita, Montijo e Alcochete

A cultura da batata nas regiões da Moita do Ribatejo, Montijo e Alcochete vem sofrendo, nos últimos anos, ataques muito intensos de nemátodos como, por exemplo, a anguilhula da raiz da batateira.

Para a combater, a Repartição dos Serviços Fitopatológicos da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas. Ministério da Economia —, tem realizado estudos numa área de terreno em Sarrilhos Grandes, pertencente ao sr. Francisco da Silva Firmino, que — segundo lemos no nosso colega «O Setubalense» —, teria recebido na última sexta-feira, 3 do corrente, a visita de entidades interessadas nesse estudo circunstanciado, sendo o ponto de reunião junto ao Posto Shell, daquela povoação.

Por se tratar dum problema que interessa sobretudo à lavoura destes concelhos, contamos trazer o público mais esclarecimentos, dentro de curto prazo de tempo.

Empregado/a - Precisa-se

— Com conhecimentos de escrituração e dactilografia. De preferência conhecendo Francês e Inglês.
Trata: Rua Tenente Valadim - 26 - MONTIJO.

Leilão

— Na próxima segunda-feira 13, às 13 horas, com fatos, cobertores, colchas, calçado, bicicletas, aparelhos T. S. F.
CASA DE PENHOES, RUA DA CRUZ, 23 - MONTIJO.

Trespasa-se

— ESTABELECIMENTO de Drograria em bom local com boa clientela.
Nesta redacção se informa.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

- 5.^a feira, 9 — *Higiene*
- 6.^a feira, 10 — *Diogo*
- Sábado, 11 — *Giraldes*
- Domingo, 12 — *Montepio*
- 2.^a feira, 13 — *Moderna*
- 3.^a feira, 14 — *Higiene*
- 4.^a feira, 15 — *Diogo*

Boletim Religioso

Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

- 5.^a feira, 9 — às 8,30, 9 e 9,30 h.
- 6.^a feira, 10 — às 8,30, 9 e 9,30 h.
- Sábado, 11 — às 8,30, 9 e 9,30 h.
- Domingo, 12 — na Igreja da Misericórdia, às 8 h.; na Igreja Paroquial, às 10, 11,30 e 18 h.; na Capela do Afonsoeiro, às 9 h.; e na Atalaia, às 11,30 h.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Evangélica Presbiteriana do Salvador — Rua Santos Oliveira, 4 - Montijo.
Domingos — Escola dominical, às 10 horas, para crianças, jovens e adultos. Culto divino, às 11 e 21,30 h.
Quartas-feiras — Culto abreviado, com ensaio de cânticos religiosos, às 21,30.
Sextas-feiras — Reunião de Oração 21,30 h.
No segundo domingo de cada mês, celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucarística Sagrada Comunhão

Espectáculos

CINEMA TEATRO
JOAQUIM DE ALMEIDA
5.^a feira, 9; A's 21,15 horas (Para 12 anos) O magnífico filme de aventuras: «As Aventuras de Tili», com Gerard Philippe.
Sábado, 11; (Para 17 anos) Um filme de suspense, da Metro: «Um Homem tem 3 Metros de Altura», com John Cassavetes, Sidney Poitier e Kathleen Maguire; no programa: complementos curtos.
Domingo, 12; (Para 12 anos) Mais um filme português: «O Tarzan do 5.^o Esquerdo», com Carmem Mendes, Raul Solnado, Raul de Carvalho, Leónia Mendes e Artur Agostinho.
3.^a feira, 14; (Para 17 anos) Um filme em Dyascope: «Uma Noite e 5 Destinos»; a graça, o espirito e a ternura das raparugas «modelos». No programa, complementos curtos e jornal de actualidades.

Grupo Columbófilo Banheirense

Devido à falta de espaço pela inclusão da reportagem relativa à festa do 9.^o aniversário da Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeiro do domingo transacto, fomos obrigados à ultima hora a reservar para o nosso próximo número, de 16 do corrente, a reportagem da distribuição de prémios aos sócios desta simpática colectividade da Baixa da Banheira.
Aos seus dirigentes e à sua massa associativa, apresentamos as nossas desculpas.

Vendem-se

— TRÊS MORADIAS, com quintal. Informa Farinha, guardafiscal reformado, Rua Serpa Pinto, 111 - MONTIJO.

Jazigo

— VENDE-SE, trata José Galvão Moura.
R. José Joaquim Marques, 81 MONTIJO.

FOLHA AO VENTO...

(Continuação da 1.ª página)

— Estava bem longe de que estivesse na capital...

— Viemos a Lisboa para tratar do enxoval da minha filha mais velha, que vai brevemente casar.

— Bravo! Já com uma filha casadoira!?

— Assim é! E, por felicidade, tenho mais nove raparigas e cinco rapazes!... Duas outras das pequenas também vão casar dentro em breve.

— Sim, senhor! Vejo que tens aproveitado bem o tempo! Tu e tua mulher não deixarão acabar o Mundo...

— E tu, Ricardo, certamente que também constituíste família e já tens filhos?...

— Não! E nem penso em tal... porque não tenho querido nem tão pouco desejo prisões!... Considero-me tal como a borboleta!...

Aniceto colocou a mão sobre o ombro do velho amigo e, encarando-o bem, com um certo sorrisozinho nos lábios, disse: — Em boa verdade, Ricardo, deixa que te diga que tu, afinal, é que tens tido verdadeiro juízo!...

Zé dos Anzóis

Novo Ano Escolar

(Continuação da 1.ª página)

com a sua acção a todos os recantos, serviu-se da pluma, da imprensa e das editoriais, e hoje vai ressoando a voz da escola, e ala a asa branca da esperança.

É verdadeiramente digna de louvor a actividade neste sector.

Evidentemente o ensino constitui uma estratégia de progresso e conquista.

Tudo augura que esta nova época será próspera sobretudo depois dos últimos reforços chegados das Escolas do Magistério, e que eles sejam outra bela esperança que brilhe em unísono com a transacta.

Fotografia

de amadores

(Continuação da página 8)

UM estratagem para fotografar à noite aspectos de uma cidade — como por exemplo uma vista tirada da janela do seu hotel — consiste em montar a máquina num tripé ou numa mesa, ao abrigo de empurrões ou choques, e tirar uma fotografia com uma exposição muito fraca, quase ao escurecer. Mais tarde, quando se acenderem as luzes, faça outra fotografia, com o mesmo filme e sem deslocar a máquina, para obter o efeito da iluminação. A fotografia inicial com curta exposição dá relevo aos edifícios, mas deve tomar-se cuidado para que não seja tão forte que prejudique o efeito da noite. Faça a experiência umas duas vezes para determinar qual a exposição exacta.

— William Fulton, *The Family Circle*

Notícias diversas de Portugal

— Foi autorizada a aquisição de um prédio urbano, para desafrontamento das muralhas de Lagos.

— Foi reforçada, com 45 contos, a comparticipação de 718.750 escudos, para a execução da obra de abastecimento de água à vila de Marinha Grande.

— Vai ser ampliada a estação ferroviária do Pocinho.

— A conta provisória do primeiro semestre do ano corrente acusa um excesso das receitas sobre as despesas orçamentais, de 1.093.614 contos.

Custarão 2.227 contos a construção do armazém 29, a ampliação do edifício de administração e outros trabalhos no Depósito Geral de Material de Guerra, em Beiro-las.

— Vai ser ampliado o Liceu D. Manuel II, do Porto.

— A primeira fase da obra de saneamento da vila de Idanha-a-Nova está orçada em 2.302 contos.

— Custará 2.898 contos a obra de abastecimento de água a Torres Vedras.

Ecoss do brilhante concerto da «Banda 1.º de Dezembro»

NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Banda de Montijo

Não esperámos o fim rigoroso das nossas férias, atraída pelos dizeres dos bilhetes de convite que nos chegaram às mãos, concretizando o que de vago sabíamos sobre a existência de uma Federação Portuguesa de Colectividades de Cultura e Recreio, e sobre a honrosa classificação alcançada pela banda do Montijo — mais precisamente, pela banda da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro (Montijo), no Con-

— É de 3.623 contos a base de licitação do concurso público para a construção do hospital sub-regional das Caldas da Rainhas.

— Faleceu em Trafaria na sexta-feira, 26 do mês findo, com a idade de 80 anos, o popular e estimado «regisseur» François França, pai da actriz Olga França e figura muito conhecida do público português, através das suas digressões pelo País, como director artístico de circo. O funeral realizou-se para o cemitério do Monte de Caparica.

Com a devida vénia reproduzimos do importante

vespertino da capital «Diário de Lisboa», a crítica

ali publicada sob o título de «Vida Musical», pela

pena autorizada de Francine Benoit:

curso Mundial de Bandas Cívicas realizado na Holanda.

E não nos arrependemos de não ter faltado ao Pavilhão dos Desportos, longe disse. Passemos rapidamente sobre a parte oficial da sessão em que a citada Federação homenageava a banda do Montijo, com a presença de várias entidades representativas, dando ocasião a que fossem proferidas justas palavras de encômio e congratulação. O que queremos salientar é a qualidade, para nós inesperada, da execução musical do programa em que figuravam as peças com as quais o valoroso agrupamento alcançou a honrosa distinção agora solenizada, e o que representa como esforço de levantamento social o duro e pertinaz labor do talentoso chefe da banda,

o sargento António Gonçalves, e dos seus colaboradores. Todos mostram admiração e dedicação pelo seu chefe, desde o petiz de onze anos que se exercita na requinta até ao experimentado e muito dotado componente da banda que toca alternadamente clarinete e flauta.

Como foi frisado, é verdadeiramente recreando-se que se cultivam estes homens e rapazes, todos operários ou empregados no comércio, excepto o petiz, que frequenta a escola. Mas cultivam-se e recreiam-se passando dum labuta para outra, pois sabem ler música, mostram um certo desenvolvimento técnico, com bastante capricho e qualidade do som, especialmente feliz e homogênea, como é natural, nos graves. O prato forte do repertório apresentado é a abertura da «Guilherme Tell» de Rossini. Nesta execução se pode avaliar plenamente o valor do grupo, que abona justamente decantada aptidão musical do povo português, e o valor do seu chefe, sargento António Gonçalves, senhor dum sólida formação musical.

Todo o programa foi vibrantemente aplaudido pela numerosa assistência, em que calculamos que o Montijo estaria largamente representado, com um legítimo orgulho por este triunfo, tanto maior quanto estes empreendimentos não têm sido fomentados pelo Estado.

Francine Benoit

«Miradoura da vida»

«As aparências iludem»

Rectificação

Tendo figurado no original do conto que acabámos de publicar no último número a indicação abreviada de autoria deste conto sob a rubrica de «Teresa Helena», montijense de origem e residente em Portalegre, cumpre-nos esclarecer que o seu nome termina por Pereira Pascoal, ao inverso do que foi publicado. Desse erro involuntário nos penitenciamos, com o nosso pedido de desculpas aquela prestimosa colaboradora de «A Província».

MUITOS **MWM DIESEL**

JÁ INSTALADOS COMO MOTORES DE PROPULSAO E EM GRUPOS AUXILIARES EM

Manuel Giraldo de Sousa

MONTIJO

BACALHOEIROS

CARGUEIROS, ARRASTOES

REBOCADORES E BARCOS DE PILOTOS

EMBARCAÇÕES FLUVIAIS DE PASSAGEIROS

TRINEIRAS DE

TODOS OS TIPOS

VEUETAS

POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA DESDE OS NOSSOS ARMAZENS

J. WIMMER & CO., LISBOA

TELEFONES 66 01 27/129

AVENIDA 24 DE JULHO, 34r

REPRESENTANTES ASSISTÊNCIA TÉCNICA ORÇAMENTOS

FESTAS ASSOCIATIVAS

Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense

está comemorando festivamente o seu

9.º aniversário de fundação

Ainda fazendo parte do programa comemorativo do nono aniversário da criação desta colectividade recreativa do vizinho bairro do Afonsoeiro, levou-se ali a efeito no pretérito domingo, dia 5, uma sessão solene que foi seguida de um animado baile abrilhantado pelo valioso Conjunto Musical «Os Unidos do Jazz», do Alto Estanqueiro.

Foram vibrantes as afirmações ali feitas por alguns elementos ligados à causa agremiativa que dá razão de existência à colectividade em festa, como de resto foi valiosa a representação das categorizadas colectividades montijenses, que honraram a «Progresso Afonsoeirense», com a sua presença em tal acto festivo.

Conforme havia sido anunciado, já às 17,30 horas, se encontravam presentes os delegados da Banda «1.º de Dezembro», nas pessoas dos seus directores, srs. Carlos Júlio Gouveia e Gil Ladislau, bem como os srs. Victor Manuel dos Santos e José António Matos Alves, elementos daquela Banda, com o seu prestigioso estandarte: da Sociedade Columbófila de Montijo, pelos srs. António Lucas Catita e José Martins de Barros; e bem assim, pelo Ateneu Popular de Montijo, o sr. Joaquim Carreira Tapadinhas, que foram recebidos pelos srs. Manuel Soares Póvoas, Mario Borda e José Silvestre Calado, respectivamente, presidente da Direcção e seu tesoureiro, e o último, seu presidente de Assembleia Geral.

Entretanto iam chegando numerosos sócios e pessoas de suas famílias, bem como os redactores do nosso jornal, Elisiário Joaquim Carvalho e José Miguel Martinho.

Outras colectividades de Montijo haviam sido convidadas para esta sessão, as quais por diversas circunstâncias não compareceram, o que é de lamentar; visto a povoação de Afonsoeiro e lugares adstritos, — embora constituídos por gente humilde —, também fazem parte do Montijo e são dignos de melhor consideração.

* * *

Cerca das 18,30 foi constituída a mesa para a sessão solene, presidida pelo sr. José Silvestre Calado, igual-

mente presidente da Assembleia Geral da Sociedade, que convidou a rodeá-la os srs. Carlos Gouveia e Gil Ladislau, pela «1.º de Dezembro», Miguel Martinho, pela «A Província» e Manuel Soares Póvoas, presidente da direcção da colectividade, que ficaram à sua direita; e os srs. António Lucas Catita e José Martins de Barros, pela «Columbófila», Victor Manuel dos Santos e José António Matos Alves, músicos da Banda acima referida, Elisiário Joaquim Carvalho, nosso redactor, e Joaquim Carreira Tapadi-



Manuel Soares Póvoas, principal sócio fundador da Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense e seu actual presidente da Direcção

nhas, pelo «Ateneu Popular de Montijo», à esquerda.

Aberta a sessão usou em primeiro lugar da palavra, este último sr., que se referiu à existência da agremiação Afonsoeirense agora em festa, de cuja oração damos os seguintes passos:

«Dentro de breves dias serão encerradas as festas comemorativas do 9.º aniversário desta colectividade, que tiveram início no dia 20 do mês passado».

«As sociedades modestas, como a Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense, além de outros obstáculos, tem sempre a assombrá-las, tolhendo-lhes o passo, o problema financeiro.

«Quase sempre a cotização não chega para fazer face às despesas inerentes ao seu bom funcionamento; e assim, a realização destas festas comemorativas para além do seu significado, têm a virtude de conseguir dar

um pouco de sangue vivificador, com a realização de fundos que ajudam a manter de pé a obra de uns poucos, para uns quantos».

«Em momentos como este, todos os bons amigos deverão contribuir dentro das suas posses, para engrandecer a festa da sua colectividade; e no caso presente, representativa de gente ordeira, que vive honradamente ganhando o pão do dia a dia num labor insano, tanto no campo como nas oficinas».

«...Salvo raras excepções, a sua massa associativa não tem correspondido nos momentos precisos, e isso tem-se revelado nas várias fases de menos esplendor que a Sociedade tem atravessado. Estas crises, que nascem em todas as Sociedades onde não existe uma consciência colectiva, — embora passageiras —, deixam sempre sulcos difíceis de aplanar».

«O tempo que gastamos a lutar por uma causa justa e comum, nunca é desperdiçado e dá-nos futuramente a tranquilidade moral e a certeza de que a nossa, — embora muito modesta —, passagem pela terra, não foi em vão».

«Por isso, meus senhores, amigos da Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense, é necessário trazer mais sócios para esta colectividade, mas torná-los além de sócios, pessoas interessadas no seu desenvolvimento; e enraizá-los no seu seio, para que sintam e vivam os seus problemas, de modo que da sua colaboração resulte algo de proveitoso, que seja o orgulho deste populoso bairro».

«Todo este labor ao serviço duma causa nobre, poderá ser o facho orientador, pela nova seiva que a Sociedade tanto precisa e deverá desenvolver, para bem do seu nome e para beneficiar esta laboriosa população».

«As sociedades populares têm um papel bem importante a cumprir, para desempenharem cabalmente a sua missão»; palavras essas que foram ovacionadas prolongadamente pela assistência.

Em seguida, usou da pa-

lavra o nosso redactor, sr. Miguel Martinho, que em nome do nosso jornal saudou a colectividade em festa e dirigiu as suas felicitações ao seu presidente, sr. Manuel Soares Póvoas, por ter visto iniciar-se o 10.º ano de existência útil da «Progresso Afonsoeirense», fazendo os melhores votos pelas contínuas prosperidades da Sociedade.

Fez a seguir a apreciação do que tem sido a sua actividade nesses anos decorridos e o espírito dinâmico do seu principal fundador e actual presidente da Direcção, sr. Póvoas, que tem enfrentado as vagas alterosas que por vezes tem procurado desmantelar aquela agremiação recreativa.

Apresentou à massa associativa da «Progresso Afonsoeirense» o contraste que hoje oferece a Baixa da Banheira no aspecto associativo, e outras localidades do concelho de Almada, em relação ao Afonsoeiro e bairros vizinhos, demonstrando que a instrução e educação das massas associativas, através das colectividades de recreio, como factores de educação social, muito poderão influir para que estes aglomerados populacionais se possam modificar, cultivando-se gradualmente uma melhor estima e boa compreensão entre os seus constituintes e os dirigentes das colectividades locais».

Entre outras considerações, — por vezes interrompidas com aplausos, fez a apreciação do valor da participação da Banda «1.º de Dezembro» no Certame Mundial de Bandas de Amadores, em Kerkrade, — o valor merecido do esplendoroso triunfo ali obtido há pouco.

Para encerrar a sua palestra, fez a entrega em nome de «A Província» de um enxoval que nos havia sido enviado pelo Grupo de Beneficência «Os Marialvas de S. Cristóvão», da capital, à menor Fernanda da Conceição, de 5 anos, cujos pais vivem em precárias condições económicas e têm o encargo de seis filhos, estando o pai impossibilitado de trabalhar.

Este acto de beneficência praticado por uma instituição extremamente simpática, que há dezenove anos, só tem louvores dignos no seu activo, foi merecidamente aplaudido pela massa associativa da Sociedade, enquanto a contempelada sentia-se radiante pela oferta recebida, ao que nos associámos de coração.

* * *

A encerrar a série de discursos nesta sessão comemorativa usou da palavra, o sr. Manuel Soares Póvoas, em vibrante preleção, da qual reproduzimos algumas

das suas mais calorosas passagens, frequentemente aplaudidas pelo auditório, conforme extratamos:

«Não era de meu intento fazer uso da palavra nesta sessão; não por falta de interesse, não por menos consideração por todos quantos aqui vieram testemunhar a sua presença, amizade e o carinho que sentem pela colectividade, mas porque me sinto física e moralmente abalado e doente.

«Aos representantes das colectividades montijenses presentes, eu dirijo os meus agradecimentos e as minhas saudações de simpatia, sendo meus veementemente desejos de prosperidades para aquelas que tanto tem contribuído para a elevação do nível cultural popular e cujo prestígio algumas conseguiram fazer projectar além fronteiras; e em especial, para a Banda «1.º de Dezembro», que na Holanda bem alto soube elevar o nome de Montijo, do distrito de Setúbal e de Portugal!»...

«O ideal que nos animou há nove anos era modesto na sua definição, mas de profundo significado social. Partimos de nada. Se o homem é um ser que gosta de viver em sociedade, aqui no Afonsoeiro mercê de circunstâncias que não quero enumerar, o que se verificava eram grupos isolados, que tinham os seus pontos de reunião em locais decerto não muito adequados à instrução, ao recreio e à cultura.

«A obra fez-se e nestes nove anos de esforços, sem desfalecimentos, conseguimos parte do que idealizáramos, porque a boa semente mesmo em campo árido, frutifica e, ano após ano, vai tornando mais fecundo.

«A vós, afonsoeirenses, a vós que me escutais, eu quero lançar daqui as minhas felicitações, pois a semente frutificou em vós e frutificará em vossos filhos, em educação e em consciência dos problemas do nosso bairro, passo indispensável para ser atingida a meta porque todos ansiamos: a elevação do Afonsoeiro!»

«Sem querer, ainda esta expressão de entusiasmo acendeu em mim a chama antiga, naturalmente porque os ideais vivem-se, com prejuízos, com aborrecimentos, — é certo —, mas também com prazer, o prazer antecipado de se gozar a obra quando estiver realizada».

«Olhos nesses ideais e o coração inundado na certeza do êxito, eu vos conjuro e vos convido a atingir o fim que almejamos: Uma Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense cada vez mais unida, um Afonsoeiro cada vez mais elevado, cada vez maior!»

* * *

Eram já perto das vinte horas, quando a sessão foi encerrada, no meio de grandes aplausos ao dedicado impulsor desta presante colectividade, a quem neste momento renovamos o tributo de maior simpatia e admiração.

J. M. M.

TELEFONE 030217

Manuel Rosa Correia

Posto de Abastecimento de Gasolina - Sub - Agente da B. P., Petróleo-Gasóleo Óleos Lubrificantes - Pneus da MABOR - Câmaras de Ar e Acessórios.

Estrada Nacional Afonsoeiro = MONTIJO

Padaria Mecânica

- DE -

RODRIGUES & RODRIGUES LIMITADA

Especialidade em pão de todas as qualidades

58 - Rua D - 62 - Telefone 030243

Afonsoeiro - MONTIJO

Talho Leiriense - DE -

Luís A. David

Carnes de vaca, carneiro e porco, das melhores regiões do país. Enchidos e banhas.

Rua D, n.ºs 42 - 44

Afonsoeiro - MONTIJO

A Invencível do

AFONSOEIRO

- DE -

Oliveira & Santos, Lda.

Bons Vinhos e Petiscos

Rua F - N.º 6,

Afonsoeiro - MONTIJO

BASQUETEBOL

A construção do novo campo

Em virtude da projectada ampliação do Parque Municipal, que abrange o terreno onde está instalado o antigo campo de basquetebol, está-se a construir no Campo «Luis de Almeida Fidalgo» um novo recinto para a prática da modalidade.

Este novo recinto terá as medidas máximas e o seu piso será asfaltado.

A Comissão está a organizar, para o dia da sua inauguração, um festival em que tomarão parte, se possível for, duas equipas femininas da capital.

Grande Concurso de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste sensacional Concurso, que tanto sucesso está obtendo na época actual

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 3, de 5-10-58 — Cupões entrados = 143

VENCEDOR: Carlos Tavares Ramos Carneira, Rua da Bela Vista, 6 — Montijo, que acertou em 12 resultados, a quem compete o 2.º prémio, de 100\$00, a receber nesta redacção por compras em estabelecimento à sua escolha.

Deserminação das classificações por concorrentes: 1 com 12 resultados certos; 5 com 11; 21 com 10; 44 com 9; 44 com 8; 19 com 7; 7 com 6 — Soma 141 e 2 cupões anulados (sendo um por falta de nome e morada e outro com nome e morada ilegíveis, calculando-se que seja de Augusto Carvalho (?), de ?!!!) — Total 143 cupões.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Não tendo sido favorável ao Desportivo o jogo realizado com o Atlético no último domingo, não se fizeram contagens de pontos aos concorrentes pelos seus vaticínios.

CONDIÇÕES:

M. B. — De novo se informa que os cupões deverão ser preenchidos a tinta com os prognósticos dos resultados dos desafios nele indicados e bem assim o nome e morada do concorrente, por forma legível, sem o que não serão considerados. Iguualmente se comunica que só são aceites os cupões que dêem entrada nesta redacção até às 12 horas do dia dos jogos para os concorrentes de Montijo, e áqueles do resto do país, no correio da manhã seguinte. Este concurso é muito simples e dispensa mais explicações. Leia as regras que foram publicadas anteriormente e ficará logo habilitado a concorrer.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 5
Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»
Domingo, 19 - 10 - 58

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Boavista	Oliveirense	Oriental	Farense
Gil Vicente	Chaves	Coruchense	Arroios
Vianense	Tirsense	Serpa	Sacavenense
Espinho	Peniehe	Juventude	Almada
Vila Real	Marinhense	Portimonen.	Beja
Sanjoanense	Portalegre	Olhanense	Montijo
Leixões	Salgueiros	Atlético	Estoril

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
Guimarães **Setúbal**

Nome
Morada
Localidade

«A Província» Cupão N.º 5
Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 19

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Atlético, 7 - Montijo, 2

Sob a arbitragem do sr. Samuel Abreu, de Santarém, as equipas alinharam:

ATLÉTICO: — Dias; Fonseca e V. Lopes; Germano, Alvarez e Orlando; Messiano, Gomes, Inácio, Albano e Angeja.

C. D. M.: — Redol; Anica e Barginha; Serralha, Santana e Pinto; Barriga, André, Veredas, José Paulo e Romeu.

Pelo que se viu nos minutos iniciais a até à marcação do primeiro golo do encontro, ninguém podia prever o resultado que veio a verificar-se no fim.

O Desportivo ao iniciar a partida, deu-nos a ideia de vir com a lição bem estudada, pois apresentava-se com boa disposição, fazendo um jogo aberto aproveitando a velocidade dos extremos e enleando por momentos a extrema defesa do Atlético, conseguindo assim um excelente golo por intermédio de Romeu.

A partir daí, foi a catástrofe; todos os jogadores montijenses preocuparam-se em defender o magro resultado alcançado, colocando-se sistematicamente quase dentro da sua grande área, onde passou a haver uma floresta de pernas e uma tremenda confusão onde só Redol se fazia notar, pela maneira quase «heróica» como defendia a baliza à sua guarda.

O Atlético com o centro do terreno completamente livre, manobrava a seu belo prazer, um adversário demais preocupado com o golo conseguido, e, modificando completamente a maneira de jogar com que tinha iniciado a partida. Usando o ruim sistema de passes curtos, para traz e para os lados, os Montijenses fisicamente inferiores aos adversários, proporcionavam jogadas de choque em que eram sempre batidos, se bem que a arbitragem lhes fôsse manifestamente prejudicial; pois, dando largas aos Atléticos, cortava cerca tudo quanto os montijenses faziam em igualdade de circunstâncias.

Germano com a sua zona de manobra absolutamente livre, comandava os seus avançados entregando-lhes a bola em condições primorosas de estes a pouco e

pouco desferirem os golpes que iam enleando os montijenses sem apelo nem agravo, sobrando-lhe ainda tempo para tentar o seu poderoso e magnífico remate, obtendo 3 dos 7 golos da sua equipa.

O Atlético apresentou uma equipa, como já dissemos, com jogadores bem constituídos e excelentemente bem preparados, cheios de força e pujança física, justificando assim o resultado alcançado, embora exagerado, sobre os montijenses.

Estes, embora lutassem com boa vontade, faltou-lhes a força da-queles e vamos lá, a sua boa preparação.

No Atlético distinguiram-se os sectores médio e avançado, pois a extrema defesa sem ter problemas a resolver sempre que os montijenses desceram ao seu sector mostrou-se vulnerável e consentiu 2 golos, em 4 ou 5 remates à sua baliza.

Que havemos de dizer da equipa de Montijo? Redol teve um trabalho extenuante, sem tempo para respirar e depois de fazer, tantas e tantas defesas com bastantes de boa categoria, podemos culpá-lo de derrota tão robusta?

A seguir apreciámos Pinto, um jovem que vai singrando pouco a pouco mostrando cada vez melhor presença.

Romeu aparece-nos depois com um bom golo alcançado na primeira parte, tornando-se, já no declinar da partida e quando passou para o seu verdadeiro lugar, — interior —, bastante notado, levando a sua acção até à zona pertencente a Germano, desfeiteando-o sempre que com ele disputou o esférico.

Dos restantes nada há a dizer, salvo que lutaram como puderam, tendo José Paulo boa desmarcação quando fez o segundo golo da sua equipa.

Da arbitragem diremos só, que gostaríamos de ver o sr. Samuel Abreu a arbitrar a equipa montijense, sempre que esta jogasse em casa; seria antecipadamente, vitória certa.

Artur Lucas

MONTIJO BASQUETEBOL

O Barreirense venceu o «Torneio de Abertura», classificando-se o Montijo em 2.º lugar - Barreirense, 57 - Montijo, 30

Jogo realizado na passada terça-feira, 30, no excelente Ginásio do F. C. Barreirense.

As equipas apresentaram as seguintes formações:

BARREIRENSE: — Soeiro (4), Manuel Ferreira (12), Nunes (8), Jorge da Silva (17), Guilherme (7), Climaco (7), José Vicente (2), e Cábrita.

MONTIJO: — José Maria (5), Mocho, Tomás (22), Eli-siário, Américo, Teodemiro (3), Adriano Bernardes e Adriano Lucas.

A arbitragem esteve a cargo dos srs. Júlio Tavares e Henrique Piteira.

Causou certo interesse nos meios afectos ao basquetebol da vila do Barreiro, o encontro entre as equipas do Barreirense e do Montijo, a contar para o «Torneio da Abertura».

O vencedor do cotejo, seria o vencedor do torneio, porque ambas as equipas ainda não tinham sofrido qualquer derrota, o que levou bastante público ao ginásio, para presenciar esta partida e ver qual seria o

comportamento do conjunto Montijense, que estivera em foco no final da época passada, frente à forte turma dos campeões nacionais.

Os espectadores não saíram disiludidos, porque apesar de estarmos no princípio da época, conseguiram ver alguns lances de bom basquetebol, executados por ambas as formações.

Como o resultado da partida pode contestar, os montijenses deram boa réplica ao Barreirense, que mesmo sem o curso dos conhecidos «internacionais» José Valente e José Macedo, demonstrou ser uma das mais fortes equipas portuguesas da modalidade, capaz de renovar o título de campeões nacionais que actualmente possuem.

No próximo domingo o Montijo, tal como no torneio agora findo, desloca-se a Setúbal para começar o Campeonato Regional, defrontando a equipa representativa do Clube Naval Setubalense, que fora o seu primeiro adversário da época.

José Rosa

Torneio de futebol nas faias (Pegões)

Organizado pelo Grupo Desportivo das Faias realizou-se no seu campo de jogos, em 21 de Setembro findo, a final do torneio de futebol entre as equipas participantes, com os seguintes resultados: «Clube de Futebol Os Leões da Beira» - 2 e «Clube Desportivo da Primavera» - 0; e o «Grupo Desportivo das Faias» - 1, com o «Grupo Desportivo Lagoa da Palha» - 0.

Seguiu-se na sua esplanada um grandioso baile abrihantado pelo exímio acordeonista sr. João Aquino dos Santos e sua filha, de onze anos, uma autêntica revelação no acordeão, durante o qual se procedeu à entrega das taças «José Francisco Miguel», à equipa das Faias, 1.ª classificada; «Eng.º A. R. Campello», à equipa da Lagoa da Palha, 2.ª classificada e «Freguesia St.º Izidro», à equipa do «Clube de Futebol Os Leões da Beira», 3.ª classificada.

No decorrer desta interessante festa, discursaram diversos oradores, entre os quais há a assinalar o notável discurso do sr.º Doutora D. Maria Rosália Ferreira, digníssima sócia desta colectividade local.

O baile terminou de madrugada, com bastante animação. — (C.)

Inauguração dum rinque de patinagem na Costa de Caparica

A simpática vila da Costa de Caparica, no concelho de Almada, que na última época registou um elevado número de veraneantes, tem desde há semanas um rinque de patinagem, cuja falta se fazia sentir naquela vila de pescadores.

Deve-se a iniciativa da construção daquele rinque, aos srs. Alexandre Campos Nogueira e Virgílio Alves Xavier, que deste modo



João José Nobre de Andrade, um jovem patinador que se exibiu brilhantemente na inauguração do rinque de patinagem na Costa de Caparica

quiseram dar ali o seu valioso contributo para a expansão da modalidade.

A inauguração daquele rinque, ocorreu numeroso público, que encheu por completo aquele recinto.

O festival, o qual procedeu à inauguração daquele recinto foi organizado pelos proprietários do Pavilhão Copacabana, em colaboração com o professor de patinagem, sr. António Silva.

Exibiram-se os patinadores Maria Helena Costa Dias, João José Nobre de Andrade, Dina Maria Nogueira e Carlos Fernandes de Carvalho, os quais foram calorosamente ovacionados.

Num dos próximos números, «A Província» inserirá uma entrevista que foi concedida pelo sr. Alexandre Campos Nogueira, ao nosso jornal.

Entretanto endereçamos as nossas felicitações aos proprietários do Pavilhão Copacabana por este melhoramento, que certamente virá beneficiar todos os praticantes da patinagem e do hoquei patinado.

Visado pela Censura

Nota de Abertura

REAPARECE hoje neste semanário sob o título de «ARCO IRIS», em página mensal, aquela que em primeiros tempos de «A Província», se publicava com a epígrafe de «Porta Aberta» e que igualmente se destina a dar guarida aos originais dos «novos», encaminhando-os nos seus primeiros voos, sob a feição literária, quer seja na composição poética ou difusão da literatura prosódica.

Esta página é reservada aos nossos assinantes e leitores, — desde que as suas produções possam merecer o bom acolhimento do público leitor —, sendo permitido contudo o uso de pseudónimos, os quais ficarão sendo de conhecimento restrito desta redacção.

Para esse efeito os originais deverão ser entregues pessoalmente neste jornal ou enviados por correio «A Província» em envelope fechado, com a indicação do nome do remetente e sua morada.

Igualmente se informa que não serão publicados os originais, revestindo o aspecto de plagiato ou reversão de autores já consagrados.

A Redacção

Apresentação

*Ser instruída e educada,
São duas prendas de truz;
Instruída e malcriada,
É coisa que não me seduz.*

*Pelo destino mal fadada,
Sem ter de mãe, afeição;
Sou apenas educada,
Falta-me a instrução.*

*Tenho pena, é verdade,
De não ter a instrução;
Mas alguém, por maldade,
Só me deu a educação.*

(Montijo)

VIOLETA.

Arco-Iris

Página mensal de colaboração dos nossos leitores e assinantes

ALMA POÉTICA...

A jovem sorria. Junto dela um lindo exemplar «fox» olhava-a com carinho e humildade.

As sombras desciam sobre o encantador recanto, envolvendo-o na escuridão e embalando-o numa brisa aprazível que se levantara repentinamente.

A' sua volta tudo exalava um ar romântico. Aquilo era o seu ideal, era o seu sonho realizado sob o signo da ventura!

Haviam decorridos oito dias, depois da sua chegada àquela pequeno paraíso terrestre. As lágrimas que os seus olhos haviam derramado, quando se despedira das companheiras, em breve secaram ante tal beleza exótica.

Do colégio para o qual entrara aos sete anos, apenas podia contemplar o mar azul esverdeado que contornava a parte norte da pequena encosta, onde se erguia o extermato.

Nos primeiros dias passara as horas vagas a admitá-lo com extase. Via lá em baixo as pequenas velas brancas que deslizavam quais gaiivotas, sobre a imensa toalha azul. Se gostava de vê-lo na sua mansidão, o seu coração juvenil delirava quando o via enfurecer. As grandes vagas de espuma que tentavam demolir os rochedos na sua fúria demoníaca, os gritos agudos das aves como que a incitá-lo para o combate, a luta constante que lhe dava o homem, as singelas embarcações a bailarem ao sabor das ondas, tudo

isso lhe dava sentida alegria e ilimitado prazer.

Todos os meses visitava a cidade na companhia de suas colegas sob as ordens duma professora extremamente rigorosa, que apenas pensava zelar pelo seu comportamento no mundo exterior.

Mas a cidade com o seu movimento constante e interessante, não lhe agradava. Ela desejava mais, passear no campo entre uma ala frondosa de madressilvas, respirar o perfume ardente das rosas, colher um ramo de lírios, deitar-se sobre a relva macia e por fim ouvir o cantar suave das aves.

Era o seu maior desejo, mas nunca podia vê-lo cumprido porque do outro lado do solitário edifício, somente se divisava uma cordilheira agreste e nua.

Na cidade sempre o mesmo movimento, sempre a mesma vida; enfim, tudo parado no valor da sua própria expressão.

Mas a felicidade presente fez-a esquecer esse monótono passado.

Olhou o céu salpicado de estrelas que com a Lua formavam um magestoso espectáculo, visto através da ramada dos pinheiros que se erguiam ali como sentinelas, a defenderem o seu castelo das fúrias naturais.

Absorta nos mistérios da natureza os seus pensamentos começaram a divagar.

— Como a natureza é bela! Como Deus dotou a noite para que ela fosse cantada pelos

poetas em todo o seu esplendor! As sombras que me rodeiam encerram tal beleza, que tudo quanto a inteligência humana construa não poderá suplantá-la. Nem a iluminação faustosa dos magníficos salões, nem o mais deslumbrante panorama que um talento pudesse transmitir na pintura dum quadro, nem mesmo uma paisagem do mundo da fantasia e do sonho que o homem se lançasse a descrever, poderia equiparar-se ao espectáculo que avaramente posso aqui desfrutar!

Afagando o pelo macio do seu companheiro, olhou uma vez mais ao que a cercava.

O banco de mármore em que estava sentada ficava numa pequena clareira, rodeado em círculo pela mais diferente flora.

Na sua frente erguia-se o pinhal disposto em rectângulo, que impedia em parte a invasão da areia vinda da praia, cujas águas se descortinavam entre os troncos dos pinheiros. A Lua a incidir na água e nos mastros dos iates, que de manhã iniciariam a anual corrida náutica e ainda um par de namorados que passeava num pequeno barco à vela, dava ao lugar um místico de sonho e poesia.

No lado sul a fechar a clareira por esse lado, situava-se um tanque de forma rectangular, sempre cheio e cuja água servia para irrigar as terras quando a chuva não abundava.

Mas mesmo ele inspirava poesia, pois não se viam as

paredes senão as da parte sul. Cercava-o, envolvendo os arames que aí haviam sido colocados para o efeito, enormes e bem tratados ramos de madressilva que apenas deixavam ver a água límpida de espaços a espaços quando o vento era mais forte; ou então, contornando-o na parte descoberta.

Ao norte elevava-se um casino de linhas modernas em cujo terraço podia-se divisar sombras que passeavam, admirando como ela a noite ainda primaveril.

No lado nascente avistava-se a sua habitação. Para lá dela existia uma imensa planície, onde o trigo já crescido formava uma longa estrada. Eram os seus passeios favoritos percorrer aquele caminho, onde somente as papoilas decoravam entre o amarelo do trigo. Entre aquela definida massa amarela ela parecia uma figura lendária, uma companheira da Deusa Diana.

Lembrava-se que um dia surpreendera uma cotovia em pleno ninho. Quando ela fugira acariciara bondosamente os dois pequeninos abandonados. Pensava em levá-los para casa, mas a voz da consciência começou a acusá-la do crime que ia praticar e desistira do seu intento.

Havia ainda do lado de cá da casa um pequeno jardim, que ela cuidadosamente tratava. Era seu primeiro trabalho logo que pela manhã se levantava da cama. Gostava de ouvir o pai chamar-lhe «borboleta matinal» quando a surpreendia na sua tarefa.

Uma voz suave se fez ouvir chamando-a.

Melancolicamente levantou-se e dirigiu-se para a graciosa vivenda seguida sempre do seu fiel companheiro.

Aos seus lábios aflorou um sorriso ao ouvir uma voz vinda do casino, que cantava «A NOITE VEIO», de X.

Alfredo Campos Lopes

(Vila Real de Santo António)

Um conto de vez em quando...

O «BARBEIRO»

por «Zé Alves»

Beira Baixa, Inverno de mil e novecentos...

«Á na minha terra a gente tem um «médeco» que aquilo, palavra de honra, é mesmo uma maravilha... É pena, aquele rapaz, não ter ido lá para a «cedade», para os estudos... Olhe que, pode crer, dava um grande doutor. Inteligências.

— Isto segredava-nos o Tónio Viola, homem considerado e muito querido em toda a região.

Procurámos conhecer essa «inteligência» e, aqui há duas semanas, por acaso, quando na companhia do Tónio, íamos a caminho da feira, encontramos o Augusto Barbeiro — assim se chama o «médeco» — que vinha de dar uma injeção, ali dos lados da «Quinta do Alexandre».

Era um sujeito alto, magro, sem bigode, mas de aspecto respeitável; usava um chapéu de feltro preto e vestia com uma certa distinção... não calçava botas grosseiras.

Na mão esquerda leva uma caixa de folha, provavelmente a das seringas e agulhas; com a direita, arredava o casaco preto, de pura lã, deixando ver pendente do colete, a corrente de ouro com a característica librazinha...

Era preciso marcar uma certa personalidade, para evitar descrenças... Tornava-se indispensável ser bem educado e tirar o chapéu a toda a gente. Conquistar simpatias...

Foi por isso que o Senhor Augusto Barbeiro, quando passou pelo Tónio Viola e por nós, com uma grande chapelada, exclamou: Bom dia!... Vão à feira, não é verdade? — Eu é que com estas gripes não paro um só momento... Adeus, até logo e boa feira...

O Viola parecia ter visto um ídolo!

— Eu não lhe dizia que era uma grande inteligência?

Olhe que um dia, além na quina da estrada, a filha da *ti* Assunção, tinha uma «nacida» que nem a deixava ir à fonte. Calcule... Pois, o Senhor Augusto Barbeiro — nunca me há-de esquecer — pôs, em menos de três dias, o *raio* da moça a caminhar que até causou espanto!

Diz que lhe botou uns panos quentes ensopados lá duns remédios que ele tem, e que, depois dalgumas horas, a pequena já parecia outra. Deve ser jeito que lhe ficou de família.

Já o pai dele — ainda me lembro — quando foi daquela «impedemia», salvou cá na terra muita gente. Quer ver?! A minha Angéleca, aqui há quatro meses, esteve às portas da morte e, tenho a certeza, que se não fossem aqueles comprimidos que ele lhe mandou tomar, eu, hoje, era viúvo. É verdade...

Aquele homem, palavra de honra, devo tantos favores, que nem quero que me lembrem... Nem sei, nem sei...

Íamos entusiasmados. O Tónio Viola parecia não conhecer outra pessoa no mundo, mais inteligente!

Um dia destes, tivemos, finalmente, a «subida honra» de nos ser apresentado o Senhor Augusto Barbeiro. É um homem educado, nunca é de mais repeti-lo; bastante associável, como convém; com aspecto respeitável, para não destoar

Foi o *ti* Godinho dos Santos — outro admirador do Barbeiro — quem nos fez notar a presença do «médeco», dizendo-nos: — Vou-lhe apresentar o homem a quem devo ainda estar aqui... Uma «inteligência» perdida... Você é da «cedade» e ele... vai gostar que eu lho indique. Vai ver!

O Senhor Augusto aproximou-se e depois... depois vieram as apresentações. Dissse das suas proezas medicinais e das suas ideias para o futuro; falou, falou e revelou-nos entusiasmado:

— Olhe que tenho dias em que me levanto de madrugada e vou a todos os doentes da freguesia fazer a visita. Esta gente, só com a minha presença, até parece que toma logo mais côr...

E, como o Senhor não é de cá, sempre lhe digo, aqui para nós, que ninguém nos ouve, que eu, à maior parte, limito-me a apalpar o pulso e a recomendar uma dieta. Tenho que me governar... A vida é assim... É necessário ser bem educado, porque isso é meio caminho para a gente ser bem recebido.

Por vezes, há até quem me queira obrigar a ficar para a ceia; mas, já se vê, um médico... é um médico.

Pode crer, que eu no fundo tenho pena de não ter ido a Coimbra tirar o curso...

Não há problema que o Senhor Prior me dê para resolver, que eu não seja capaz... Ele diz que eu, embora não resolva as coisas como ele, consigo sempre ir dar ao mesmo resultado... Afirma que, cá o Barbeiro, dava qualquer coisa e que toí pena não me darem mais estudos...

— Que hei-de fazer? Tenho que me contentar com a triste sorte que Deus me deu...

— Desculpe estes desabaços e, tenha paciência, tenho que me retirar. Está ali uma mulher a chamar-me... Parece-me que o garoto dela já há dois dias que não vai à escola. Alguma gripe...

— Até logo e muito prazer...

— Desculpe...

CALEIDOSCÓPIO

NA história da Literatura Portuguesa surge-nos, no século XVII, época febril de dramáticas perturbações na vida nacional, a figura varonil de Braz Garcia de Mascarenhas — o Poeta-Guerreiro —, como o juízo popular, exactamente, o definiu.

Vida accidentada e singular foi a sua e que apaixonou até a sensibilidade e a imaginação romanesca de Camilo Castelo Branco, transportando a memória de Braz Garcia para um dos seus livros mais famosos: *Luta de Gigantes*.

sil, tinha então, vinte e oito anos. Ali, como patriota de lei, bateu-se contra o invasor holandês, obrando prodígios de bravura.

Com trinta e sete anos já, regressa a Portugal, logo oferecendo os seus serviços a D. João IV — o Restaurador.

Entrando em novos combates, em defesa da independência da Pátria, Braz Garcia de Mascarenhas foi, depois, por graça régia, nomeado governador da praça forte de Alfaiates.

Vítima de traiçoeira e revoltante intriga o ardoroso

ordinário alívio, já que lhe não consentiam o divertimento de escrever; e justamente que, para seus achaques, lhe mandassem farinha e linhas e, tesoura para refazer seus vestidos.

Logo lhe mandaram um *Flos Sanctorum*, que era o que mais lhe servia para se encomendar a Deus, e com o livro as mais miudezas que pedia.

Fegando da tesoura foi cortando as letras, uma a uma, as que lhe serviam do livro; fez cola de farinha com a qual unindo-as, com muito vagar a indústria, compaginou uma discreta carta em verso mui limado para o Senhor D. João IV, em que relatava sua prisão e inocência, e dependurando-a pelas linhas da muralha, no escuro da noite falou a um soldado da guarda, seu confidente, que a entregasse a seu irmão para que logo a levasse a Lisboa, como sucedeu.

Lendo o Rei a carta tão bem lançada, despediu logo um decreto em que ordenava aparecesse sem demora, em Lisboa, Braz Garcia de Mascarenhas.

Recebido pelo soberano, com as devidas honras, Braz Garcia foi logo repostado no seu lugar de Governador, cargo que pouco tempo mais desempenhou.

Recolheu à sua casa de Avô, onde morreu em 1656.

Por iniciativa da população local, foi agora, solenemente inaugurado, naquela pitoresca vila serrana, um monumento à memória do poeta do *Viriato Trágico*, um busto da autoria do escultor Aureliano Lima, acto que teve a presença das principais autoridades concelhias e a que o povo se associou intimamente.

Evocação de Braz Garcia de Mascarenhas

Nasceu o autor do poema heróico *Viriato Trágico*, na vilazinha de Avô (concelho de Oliveira do Hospital) em 10 de Fevereiro de 1595.

Escolar de leis, em Coimbra, ali se afamou pela sua desenvoltura física, seu carácter arrebatado e espírito audacioso. Isso lhe acarretou graves dissabores, pelo que abandonando os estudos, se homiziou em Madrid, donde depressa saiu para longas terras.

Num navio em que embarcara foi obrigado a pelear contra um ataque súbito dos turcos. Depois, como naufrago desditoso, pisou o chão da Andaluzia, logo se apresando em novas jornadas através da Europa.

Finalmente aporta ao Bra-

poeta-guerreiro viu-se encarcerado na masmorra de Sabugal, expiando um crime que não cometera.

Então, se serviu engenhosamente, dum artil para se libertar de tão iníquo cativo.

Transcrevemos do prefácio da edição de *Viriato Trágico*, publicada em 1846, a descrição deste original incidente:

«Na prisão solitária o privaram de toda a comunicação e, subtraindo-lhe, pouco a pouco, o mantimento, lhe pretendiam abreviar os dias. Até que, vendo-se já desamparado de todo o favor humano se valeu de sua indústria, mandando pedir pelo seu servente que ao menos lhe mandassem um livro, seu

Fotografia de amadores

ANTES de tirar essa maravilhosa fotografia do lago com seus reflexos perfeitos, pare para atirar uma pedra à água. A ondulação que provocar aumentará consideravelmente o efeito pictórico.

— William Fulton, *The Family Circle*

PARA conseguir o efeito surpreendente do sol filtrando-se por entre as sombras dos bosques e para obter ténues raios de luz nas sombras, pise bastante no chão, para levantar o máximo possível de poeira. Faça em seguida a fotografia com um filtro F.

— *The Camera*

AS fotografias de paisagens ficam sempre irremediavelmente incompletas se lhes faltar a beleza das nuvens e do céu. Entretanto, na maioria das fotografias desta espécie as nuvens aparecem como manchas, com demasiada exposição, devido à luz no céu ser mais forte do que a dos objectos no nível da terra. A fim de evitar essas paisagens «calvas», fotografe isoladamente vistosos castelos de nuvens — com exposições pouco demoradas e colocando na objectiva um filtro para nuvens. Essas imagens celestes poderão depois sobrepôr-se com facilidade nas paisagens «calvas», proporcionando lindíssimas fotografias compostas.

UM meio excelente à disposição do amador para obter efeitos leves e difusos com um aparelho vulgar, consiste em enfiar um tecido fino, de preferência um pedaço de meia de seda, contra a objectiva. Tingindo a meia de seda com tinta de nanquim, fazem-se desaparecer os filamentos soltos. O pedaço de tecido a empregar deve ser comprimido, colado e

enfiado uniformemente sobre a objectiva.

— *American Photography*

AO fotografar um trem em movimento, uma competição de corrida, ou qualquer objecto que se mova na sua direcção, quanto mais de frente tirar a fotografia tanto melhores serão os resultados. O aspecto tremido ou de confusão de linhas, provocado pela velocidade, é atenuado quando o objecto se dirige directamente para o observador.

HA' muitos sistemas que permitem dar a uma fotografia a terceira dimensão: o relevo, ou profundidade aparente. Tire a fotografia quando existam sombras extensas, com reflexos no primeiro plano, utilizando iluminação lateral forte, ou mesmo contra-luz. As sombras, que se projectam em manchas longas e estiradas sobre as paredes e passeios, dão ao observador a impressão de que está olhando para dentro da fotografia em vez de estar simplesmente a examinar uma superfície. Quando puder incluir um trecho de água no primeiro plano, faça com que os reflexos atraiam a atenção para o assunto principal

— *Pocket Photo Monthly*

AO tirar retratos dentro de casa, com luz do dia, cubra a parte inferior da janela com qualquer coisa que tenha ao seu alcance, e verifique depois como melhorou a iluminação. Não julgue sequer por um momento que para fazer boas fotografias de interior precisa de uma bateria de luzes artificiais. Tirem-se fotografias maravilhosas utilizando apenas a luz do dia.

— William M. Strong, *Photography for Fun*

(Continua na página 4)

Avó rústica

Fogem do céu as últimas estrelas,
Cantam as aves na manhã radiosa.
Erguera-se bem cedo a avó Rosa
Que andava tão ligeira como elas.

Chevava o seu doutor, o seu Joaquim
— Já o não via há tantos anos, tantos —
Sempre promessas, sempre desenganos,
Mas ia ve-lo, ia ve-lo, enfim!

Quizera vir bem cedo pra estação,
Batia-lhe apressado o coração
Ao tentar iludir o seu anseio:

Como demora!... Vem?!... Ah, finalmente!
Parou o comboio... desce toda a gente...
E ele não veio, ceus!... Ele não veio!!!

Maria Albertina Baeta

ninguém lhe negou o mérito e talento que as suas obras de arte suprema, em que viveram os sentimentos, por vezes descontrolados, a que era levado, umas vezes por impulsividade e, outras pelo lamentável ambiente social do último quartel da sua existência.

Todavia, conquanto impregnados, os seus trabalhos da sua ingenuidade de artista e ainda por malévolas insinuações que a inveja ditou, para o incompatibilizar — ele depois de haver so-

frido calúnias, insidias e grandes más vontades, descrente dos homens, volta-se para a única verdade: — a fé e crença em Deus, que o levou a conceber as suas duas orações, ao Pão e à Luz — que o imortalizaram, as quais vestiu de sublimes roupagens da sua arte, em que vivem os melhores e afinal verdadeiros sentimentos da sua alma e coração, sempre inclinados ao bem e tão mal compreendidos.

Os génios depois de imerecidos sofrimentos, são afinal compreendidos.

YOGHURT
BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmelrim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027

GUERRA

JUNQUEIRO

— Um dos maiores astros da
nossa Constelação Poética ...

Relembrar a fase tão gloriosa das Letras e Artes, vivida por nós, em que o nosso país se cobriu de glória, pelos grandes vultos das Letras e Artes que estas

Por -- Soeiro da Costa

enriqueceram com os labores notabilíssimos, da sua mente privilegiada, é voltar a sentir o desvanecido orgulho de ser-se português.

Guerra Junqueiro — abrihantou com o seu esplendoroso estro essa época áurea, e embora discutidíssimo para o que muito contribuiu as lutas do tempo —